

O PAPEL DO ACONTECIMENTO NA HISTÓRIA, A EXLÉTICA DO TEMPO

Prof. Rui Simon Paz

"Quanto ao tempo presente, se ele sempre fosse presente e não passasse, deixaria de ser um tempo, seria a eternidade. Portanto, se o tempo só é tempo porque ele passa, como podemos dizer que ele é, ele que só é porque está a ponto de deixar de ser; e portanto não é verdade dizer que só é um tempo porque tende ao não-ser." ¹

Afinal, o que move o moinho da história?

Segundo Karl Marx, a luta de classes é o motor da história. Para Hegel, há uma dialética do espírito que contrapõe teses e antíteses, produzindo sínteses e, assim, forjando as grandes transições de um período a outro da história. Mas, segunda a Teoria do Caos, uma tempestade começa com o bater de asas de uma borboleta. Então, como se iniciam as grandes “tempestades” históricas, como a derrocada do Medievo, ou a queda do Muro de Berlim, por exemplo?

Quando Galileu mirou sua luneta para Júpiter e constatou a existência de luas em sua órbita, não fez apenas uma grande descoberta, mas, sobretudo, abalou de forma irreversível os alicerces do edifício lógico-axiológico medieval. O mesmo se sucedeu com a prensa de Gutenberg que, a partir da segunda metade do Século XV, permitiu a popularização do livro e, conseqüentemente, a alteração da massa crítica da sociedade no longo prazo, pois, se antes havia a mediação do Clero entre homens ignorantes e analfabetos e Deus, ou o conhecimento, a partir de então as pessoas passam a buscar diretamente nos livros, outrora interditados aos comuns, a compreensão do mundo e de si mesmos. O efeito de longo prazo foi a queda irreversível do poder clerical, culminando com o advento das Repúblicas Modernas, dois séculos depois.

Esses acontecimentos não passam, aparentemente, de efemérides, eventos passageiros de curta duração, sem conseqüências duradouras. No entanto, ao longo de um período de tempo razoável, dependendo dos meios pelos quais a

informação, a comunicação e o conhecimento transitam, provocam alterações de média duração e, mais adiante, transformações estruturais de longa duração, de intensa e extensa envergadura, inaugurando novas eras na história da Humanidade. Por exemplo, os acontecimentos acima citados, dentre outros, na média duração permitiram o surgimento do chamado Renascimento; na longa duração, alcançamos o Iluminismo do Século XVIII e a ciência moderna do Século XIX, baseada nos novos paradigmas cartesiano-newtoniano².

Portanto, é no acontecimento que vamos encontrar a origem de todas as mudanças. E, quando falamos de acontecimento, estamos falando de indivíduos por trás dos mesmos, os chamados capacitores. Estes constituem uma parcela à parte, pois desenvolvem um pensamento lateral capaz de enxergar além das molduras vigentes. Vêm antes, acima da superfície da doxa³ dominante. E, quando objetivam suas descobertas, revelam o existente, abalando todas as estruturas e provocando grandes alterações na mentalidade. No curto prazo, vêm a público e produzem admiração em alguns e desconfiança e medo em muitos. Mas, pela força do novo, consolidam-se no médio prazo, alterando a conjuntura. Com o tempo, acabam por substituir as velhas estruturas e consolidar-se, no longo prazo, na nova mentalidade. O exemplo de Gutenberg é emblemático. Na maior parte do medievo, a leitura da palavra era dispensável para a satisfação das necessidades cotidianas da maioria das pessoas. Os livros disponíveis eram escassos, porque publicados e reproduzidos à mão pelos escribas. Sem livros disponíveis, por que aprender a ler. Com o advento do livro impresso, no Século XV, mais especificamente a partir de 1442, as publicações passam a se popularizar e, acima de tudo, diversificar-se. Ao mesmo tempo, as necessidades humanas se multiplicam exponencialmente, exigindo maior inserção dos indivíduos na nova era que se inaugura. Assim, gradativamente, aprender a ler impõe-se como requisito básico para a sobrevivência. No médio prazo, aumenta de forma significativa o número de indivíduos que leem e, quem aprende a ler, abre várias janelas para o mundo. Daí em diante, nada mais será como antes. Ao fim de um longo período, pouco restará do poder medieval e clerical. Pode-se dizer de certa forma que a Revolução Francesa não se inicia com a derrocada da Bastilha, mas com a luneta de Galileu e a prensa de Gutenberg, entre outros acontecimentos importantes. Era preciso, antes,

libertar o pensamento crítico, demonstrando a fragilidade dos sustentáculos da mentalidade geocêntrica do medievo.

A FORMAÇÃO DA MENTALIDADE:

Edifício Lógico-Axiológico, Valores, Molduras⁴.

Prof. Rui Simon Paz

Os estudos referentes aos fenômenos históricos enfocam ângulos diferentes, conforme as diferentes escolas sociológicas e historiográficas. De um lado, a abordagem macrosociológica, que tem como expoentes Karl Marx e Èmile Dürkheim, de outro, a microsociológica, onde encontramos a maior expressão em Max Weber.

O enfoque macrosociológico procura apreender o funcionamento das sociedades a partir de estruturas abrangentes, de caráter coletivo, para então compreender os aspectos particulares de cada realidade estudada.

Marx, por exemplo, contemporâneo das transformações advindas com a Revolução Industrial, concentra-se nas relações econômicas, donde busca abstrair as relações existentes entre as classes sociais que se revelam, segundo o autor, em pares dialéticos antagônicos, ou seja, em dominantes e dominados, proprietários e não proprietários. A partir desse enfoque, determina a periodização da história das sociedades humanas em face do modo como produzem a sua subsistência - as forças produtivas - e da forma como se relacionam em torno desse processo - as relações de produção.

Na Idade Média, a estrutura econômica baseava-se no trabalho servil, tendo a terra como meio básico de produção. Os principais atores sociais eram, de um lado, os senhores feudais proprietários das terras, instrumentos, utensílios e pessoas que se encontrassem em seus domínios; de outro, os servos das glebas, que detinham todo o conhecimento dos instrumentos e instruções necessários à manutenção da subsistência, tanto sua, quanto do senhor feudal, através da corvéia. Assim, esse período caracterizou-se pelo chamado Modo de Produção Feudal.

Na Sociedade Capitalista, desaparecem senhores e servos para dar lugar a burgueses e proletários, ou capitalistas e trabalhadores, estes também interagindo como pares dialéticos, diante do advento da grande indústria. Inaugura-se, assim, o Modo de Produção Capitalista. Com efeito, Marx propõe uma Filosofia da História, onde a dialética da luta de classes constitui-se em “motor da história”, conduzindo, afinal, a humanidade ao seu destino inexorável, ou seja, à sociedade sem classes⁵. Em outras palavras, a sociedade sem classes, comunista, está para os marxistas, assim como o paraíso está para a dogmática católica. Ao indivíduo, como singularidade, é reservado um papel secundário nas transformações, pois está subordinado à chamada consciência de classe, determinada economicamente pela posição que ocupa na estratificação social. Para o marxismo, a consciência *em si* deve alcançar a consciência *para si*, alçando o chamado proletariado à hegemonia do poder político na sociedade. Portanto, a consciência é da classe e não do indivíduo. Para que a alcance, este precisa reduzir-se ao pensamento único, à maioria compacta, terá que abrir mão da sua singularidade. Não é diferente para as doutrinas religiosas salvacionistas. Para alcançar a “salvação” é necessário obedecer, cegamente, aos ditames superiores, o que significa abdicar da individualidade, da diversidade de pensamento, e reduzir-se também a um pensamento único. Em ambos os casos, o pensamento único é a expressão de alguém que serve de modelo para os demais.

Tais doutrinas sustentam-se em verdadeiras catedrais teóricas, robustas, consistentes em si mesmas, porque coerentes com as premissas que as sustentam. Quando se admite que o homem é apenas uma máquina biológica, resultante de reações físicas e químicas e que cria uma consciência de fora para dentro, em face dos desafios exteriores que deve enfrentar para satisfazer suas necessidades básicas materiais, admite-se também, subliminarmente, ser ele passível de moldagens à imagem e semelhança do pensamento único de alguém. Por isso, esses corpos doutrinários consentem e incentivam o culto à personalidade, à adoração dos líderes, etc., modelos a serem reproduzidos por todos.

Em linha semelhante, temos na França da segunda metade do Século XIX a presença de Émile Durkheim, eminente estudioso dos fenômenos sociais e discípulo de Auguste Comte. A sua análise baseia-se também no enfoque

macrossociológico, onde o indivíduo deve subordinar-se, não às classes sociais, mas à consciência coletiva, depositária da moral social global. Quanto mais os indivíduos se parecerem em termos de consciência, maior coesão e equilíbrio haverá na Sociedade. Em outras palavras, maior a semelhança de visão, menor o conflito. Dürkheim acreditava em uma Sociedade sem conflito, harmônica, desde que trabalhasse para ajustar os indivíduos à moral social. Encarava a Educação como o móvel essencial dessa tarefa. A coerção dos “fatos sociais” sobre a vontade dos indivíduos era determinante da saúde social. Na verdade, sem se expressar dessa forma, propunha formas de adestramento do indivíduo, para uma adaptação serena à vida social. Em outras palavras, mantém-se fiel ao escopo comtiano do *consensus*, como forma de alcançar a harmonia social. Ou seja, quanto mais certezas coletivas, menos desavenças, menos conflitos.

Como Marx, Dürkheim foi contemporâneo de um período de grandes transformações sociais e econômicas, com inevitáveis distúrbios e crises próprias de situações dessa natureza. Ambos procuraram dar conseqüência às suas análises, com proposições para fazer frente à nova problemática social. Como não poderia deixar de ser, operaram o edifício lógico-axiológico cientificista de sua época, acreditando na possível redutibilidade do singular de cada indivíduo a projetos e visões coletivistas. Aqui vemos, portanto, a projeção emoldurada da ótica que o Século XIX desenvolvera em relação ao homem. Um ser moldável aos desígnios finalistas da sociedade perfeita, seja comunista, positivista ou transcendental.

Na Alemanha do Século XIX, temos a presença de Max Weber que, preocupado com o que se passava ao seu redor diante das transformações políticas, sociais e econômicas iniciadas no século anterior, privilegia a observação dos comportamentos individuais diante de mudanças tão intensas e extensas. Assistindo a introdução das características do modo capitalista de produção na Alemanha, tardiamente em relação à França e Inglaterra, com parâmetros de organização sócio-econômica instituídos em realidades exógenas, percebe os cidadãos alemães reagindo de forma atordoada em face da rápida obsolescência do seu modo de vida. Essas reações individuais irão sensibilizar o olhar sociológico de Weber. O enfoque, portanto, será microssociológico.

O que vemos em todas essas abordagens refere-se à teoria do homem formulada no Iluminismo. Portanto, o edifício lógico-axiológico, os valores e as molduras resultantes revelam a visão construída sobre o mundo, a vida, as pessoas, a Sociedade. Em cada época da Humanidade, desenvolvemos o conceptual possível, como vemos, sentimos, percebemos a realidade que nos cerca e, em seguida, elaboramos o arcabouço conceitual e cultural que dará sentido ao concebido. Por exemplo, as molduras tecnológicas medievais, no que se refere aos meios de transporte, baseavam-se em veículos de tração animal. Com efeito, toda a programação de vida de seus contemporâneos continha-se por esse limitador. Nada era imaginado além dessas possibilidades. Sair dos limites da aldeia não fazia parte dos objetivos de vida da maioria de seus habitantes. O horizonte visto ao longe era o fim, nada existia além dele, a não ser um precipício infinito. Portanto, o tempo, as distâncias, os desejos, as expectativas, delineavam-se em face dessa moldura. Assim, seria improvável que um habitante do medievo viesse a imaginar poder percorrer alguns milhares de quilômetros em um único dia, como fazemos hoje, na era dos supersônicos.

Mas, tudo que o homem for capaz de imaginar é possível. Primeiramente, as coisas são concebidas num tempo imaginário. Vide, por exemplo, as obras de Julio Verne⁶. Quando as imaginou (Da Terra à Lua, Vinte Mil Léguas Submarinas, etc.) não havia conhecimentos ou tecnologias suficientes para tanto. Para a maioria de seus contemporâneos, sua imaginação soava, no mínimo, inverossímil, absurda ou, até, ridícula. Afinal, no tempo real os deslocamentos eram feitos sobre tração animal. Como voar, deslocar-se sob a água, dar a volta ao mundo em poucos dias? Julio Verne era um grande capacitor. Sua coragem intelectual permitiu ao imaginário tornar-se realidade no século seguinte.

Quando os astronautas fotografaram a Terra a partir da Lua, alteramos nossa moldura cosmológica, em face daquela emblemática fotografia reveladora de um planeta flutuando no espaço, coberto de nuvens brancas contrastantes com o azul da atmosfera. Estabelece-se, então, um divisor de águas entre uma moldura cosmológica terrena, isolada, e outra cósmica, dinâmica, com consciência de pertencimento a uma totalidade mais abrangente. Todos nós alteramos profundamente a partir daquela imagem.

Assim, quando alteramos nosso conceptual, alteramos todo o edifício lógico-axiológico, os valores e, finalmente, as molduras que delineiam o mundo diante de nossas consciências. Daqui a algumas décadas, será tão natural programarmos férias em outros planetas, quanto o é, hoje, planejarmos passar o *réveillon* em Nova Iorque ou outro lugar qualquer distante deste planeta. Nossas molduras contemplarão essas possibilidades diante das descobertas, invenções e inovações tecnológicas que as tornarão reais.

O EXISTENTE

Prof. Rui Simon Paz

A compreensão do que é o tempo intriga o homem desde os primórdios da Humanidade. Conforme Agostinho, o tempo é paradoxal, ou seja, *ele só é porque está a ponto de deixar de ser*. Mas, se observarmos o tempo através do conceito de **existente**⁷, talvez facilite um pouco mais a sua apreensão.

O existente significa que tudo já existe. Tem um pouco de Platão nessa afirmação, com o “*mundo das idéias*”, onde tudo já existe na forma ideal, o que se constitui no **existente em trânsito**, ainda não revelado. Quando o existente se objetiva, esteticamente, entra no tempo e se torna **existente revelado**, através da *anamnese*⁸, inserindo-se na temporalidade e no temporal. No temporal, uma vez descartado, armazena-se no chamado **existente em repouso**.

Com o conceito de existente, melhor compreende-se a relação entre **tempo imaginário** e **tempo real**. Sem o existente, não seria possível o tempo imaginário, onde tudo se inicia. Afinal, antes de materializarmos algo, primeiro o concebemos no imaginário, que contém, por assim dizer, todas as possibilidades imagináveis e inimagináveis.

Em todas as épocas, os capacitores responsáveis pelos acontecimentos-choque, que provocaram grandes transformações no longo prazo, pensaram primeiramente no tempo imaginário. Somente depois que este faz um ângulo reto com o tempo real é que suas descobertas e invenções tornaram-se realidade. Exemplos emblemáticos são os escritos de Julio Verne.

Portanto, em face do existente, tudo que conhecemos, estamos descobrindo ou que ainda desvendaremos, já existe no **existente em trânsito**. Assim compreendido, não há lugar para a descrença, a desesperança e o pessimismo. O que o homem puder imaginar alcançará.

Notas:

¹ Citado in NICOLESCU, Basarab. ***O Manifesto da Transdisciplinaridade***. São Paulo: TRIOM, 1999.

² CAPRA, Fritjof. ***O Ponto de Mutação***. São Paulo : Editora Cultrix, 2002;

³ Sistema ou conjunto de juízos que uma sociedade elabora em um determinado momento histórico supondo tratar-se de uma verdade óbvia ou evidência natural, mas que para a filosofia não passa de crença ingênua, a ser superada para a obtenção do verdadeiro conhecimento (***Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0.5***);

⁴ GRIMM, A. ***Cadernos de Psicofonia de 1997***. Curitiba : 1999, S.B.E.E;

⁵ Fica evidente na obra de Marx o caráter escatológico das suas proposições.

⁶ Foi um dos primeiros escritores a praticar uma literatura na linha da moderna ficção científica. Verne previu, entre outros inúmeros inventos, a televisão; o helicóptero; o cinema falado; a iluminação a néon; o ar condicionado; os arranha-céus; os mísseis teleguiados; os tanques de guerra; os veículos anfíbios; o avião; a caça submarina; o aproveitamento da luz e da água do mar para gerar energia; o uso de gases como armas químicas. (<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u505.jhtm>, consultado em 24/02/2009, às 17:50 horas);

⁷ Grimm, A. ***Cadernos de Psicofonia de 1995***. Curitiba : 2003, S.B.E.E;

⁸ Na filosofia platônica, rememoração gradativa através da qual o filósofo redescobre dentro de si as verdades essenciais e latentes que remontam a um tempo anterior ao de sua existência empírica (***Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0.5***);